

---

## CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA, SOCIOCULTURAL E RELIGIOSA DO ISLAMISMO

---

Keila Matos

*Resumo: contextualização histórica, sociocultural e religiosa do islamismo pelo viés de categorias de diferentes disciplinas. Pretendemos melhor compreender o islamismo à luz de alguns conceitos desenvolvidos por cientistas da religião.*

*Palavras-chave: contextualização, islamismo, ciências da religião*

**C**ultura, segundo Geertz (1989 p. 103), é “um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida”. Assim, para melhor compreendermos o sistema simbólico de determinada cultura, temos de conhecer mais de perto o *ethos* do povo, ou seja, o que descreve o tom, o caráter, a qualidade de vida, o estilo, as disposições morais e estéticas, a visão de mundo de um povo, seus símbolos sagrados.

Sistemas simbólicos são fontes extrínsecas de informações, pois “estão fora dos limites do organismo do indivíduo” (GEERTZ, 1989, p. 106). O símbolo continua desempenhando um importante papel nas sociedades, pois sua função permanece invariável, uma vez que transforma um objeto ou um ato em algo diferente daquilo que representa na experiência profana.

O homem, segundo Eliade (1998, p. 368), é quem valoriza um objeto na sua experiência mágico-religiosa, entretanto, o

*simbolismo apresenta-se como uma ‘linguagem’ ao alcance de todos os membros da comunidade [...], que [se] exprime simultaneamente no*

*mesmo grau de condição social, 'histórica' e psíquica da pessoa que usa o símbolo e suas relações com a sociedade e o cosmos. [...] simbolismo vestimentar [por exemplo,] solidariza a pessoa humana, por um lado, com o cosmo e, por outro, com a comunidade de que ela faz parte, proclamando diretamente aos olhos de cada membro da comunidade a sua identidade profunda.*

Ao “tornarem-se símbolos, [...] objetos anulam os seus limites concretos, deixam de ser fragmentos isolados para se integrar num sistema, ou melhor, eles encarnam em si próprios [...] todo o sistema em questão” (ELIADE, 1998, p. 369). Qualquer coisa torna-se sagrada à medida que revela outra coisa além dele próprio.

A conformidade exterior da conduta a paradigmas simboliza a adesão interior do sujeito a uma certa ordem de valores. E a adesão aos valores, por sua vez, é o símbolo de que se pertence a uma dada sociedade ou coletividade. O simbolismo que confere ao ser humano o seu poder sobre o mundo não é apenas resultado de uma evolução biológica, mas também de uma evolução social. O símbolo serve tanto para a transmissão de uma mensagem entre dois sujeitos ou uma pluralidade de sujeitos quanto favorece o sentimento de pertença a um grupo, que assegura a participação adequada dos membros, segundo o papel que cada um ocupa no grupo, ou seja, organização hierárquica no grupo, sentimento de pertença dos membros (ROCHER, 1971).

Croatto (2001) afirma que o símbolo tem uma função social, pois gera um vínculo entre os seres humanos. Em conformidade com Croatto (2001), Marcel Mauss considera sagrado tudo o que qualifica a sociedade por intermédio de um grupo e de seus membros.

Um símbolo pode ser uma palavra, um objeto, uma obra de arte, uma pessoa, um rito, um mito, um sinal – embora seja mais amplo que um sinal –, desde que seja um discurso diante do transcendente, de Deus. White (*apud* LARAIA, 1997, p. 57) ainda afirma que “todos os símbolos devem ter uma forma física, pois do contrário não podem penetrar em nossa experiência, mas o seu significado não pode ser percebido pelos sentidos”. Com isso, explica Laraia (1997, p. 57), percebe-se que para entrar no significado de um símbolo “é necessário conhecer a cultura que o criou”.

Ideologia é outra categoria importante para compreendermos como pode ocorrer o assujeitamento ideológico em determinada sociedade. Ideologia, no âmbito social, é tida como

*um sistema de idéias (crenças, tradições, princípios e mitos) interdependentes, sustentadas por um grupo social de qualquer natureza ou dimensão, as quais refletem, racionalizam e defendem os próprios interesses e compromissos institucionais, sejam estes morais, religiosos, políticos ou econômicos* (HOUAISS, 2001, p. 1565).

Para Bakhtin (1990), a ideologia é o reflexo das estruturas sociais. A formação ideológica é constituída por um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais, nem universais, mas dizem respeito, mais ou menos diretamente, às posições de classe em conflito umas com as outras. Cada formação ideológica pode compreender várias formações discursivas interligadas. O assujeitamento ideológico consiste em fazer com que cada indivíduo (sem que ele tome consciência disso, mas, ao contrário, tenha a impressão de que é senhor de sua própria vontade) seja levado a ocupar seu lugar, a identificar-se ideologicamente com grupos ou classes de uma determinada formação social. É o mesmo que interpelação ideológica.

O fundamentalismo é outra categoria importante para esclarecer-nos a postura de pessoas em relação a outras pessoas e a outros sistemas simbólicos, políticos, religiosos etc. O fundamentalismo coloca em risco a humanidade, que por causa dele é vítima de guerras não só religiosas, mas também políticas, econômicas, científicas. Assim, é necessário entender o fenômeno fundamentalismo para superar certas dimensões fundamentalistas embutidas em nossa cultura e, conseqüentemente, em comportamentos individuais (BOFF, 2002). Os islâmicos, por exemplo, almejam tornar o Alcorão a única forma de vida moral e política entre si e nos lugares onde ocupam o poder. Segundo Rouanet (2001, p. 12), os fundamentalistas cristãos, islâmicos e judaicos “têm em comum o tradicionalismo em questões morais e uma posição retrógrada quanto ao estatuto da mulher – são puritanos e misóginos”.

## O ISLAMISMO

O islamismo é uma “religião caracterizada por monoteísmo estrito e síntese entre fé e organização sociopolítica” (HOUAISS, 2001, p. 1655). É a religião dos muçulmanos. Ela teve origem na Arábia e ainda hoje está intimamente relacionada à cultura árabe, embora hoje somente uma minoria dos muçulmanos seja árabe (SMITH, 1991; PIAZZA, 1996; GAARDER, 2000).



O termo árabe *islām* significa “submissão”, que vem do verbo *asla-ma* (submeter); e da forma *muslin* derivou o termo mulçumano (SMITH, 1991; PIAZZA, 1996; GAARDER, 2000; HOUAISS, 2001). Logo, “o verdadeiro ‘muçulmano’ é aquele que se declara perfeitamente ‘submisso’ a Deus” (PIAZZA, 1996, p. 384).

O islamismo está entre as três religiões monoteístas. Cronologicamente situando, é a terceira delas (judaísmo, cristianismo, islamismo). Piazza (1996) nos informa que o islamismo ameaçou sobrepujar o cristianismo medieval em razão do seu poder ideológico. Gaarder (2000) refere que o islamismo é a segunda maior religião do planeta depois do cristianismo, já que é praticado por uma sétima parte da população mundial, cerca de 15%. Informa-nos ainda que está bastante difundido na África e na Ásia e que isso acarretou grandes levas de africanos e asiáticos tornarem o islamismo a maior religião de minorias étnicas na Europa.

Embora o islamismo tenha enfrentado culturas diversas no momento de sua formação como, por exemplo, a filosofia grega, o espiritualismo cristão e o misticismo hindu, apresenta um teologia, uma moral, uma jurisprudência e uma vida religiosa altamente espiritualistas.

Segundo Piazza (1996, p. 384), o islamismo apresenta-se como uma religião

- “sem dogmas, a não ser o seu absoluto monoteísmo, que faz de Alá um deus inteiramente transcendente e solitário...”;
- “sem sacramentos, pois o islamismo não reconhece a separação entre Sagrado e Profano...”;
- “sem sacerdotes, pois não admite intermediários entre Deus e os homens...”;
- “sem liturgia, sem sacrifícios, sem imagens...”;
- “sem estrutura eclesial (estrutura hierárquica); no entanto, tem os seus teólogos (*ulema*: conhecer), os seus pregadores (*khatib*), os seus mestres de oração (*imã*), os seus pregoeiros de oração (*muezzin*);

- feita para homens do deserto.

Numa descrição geral, o islamismo pode ser sintetizado em três pontos principais:

- credo (monoteísmo e revelação);
- deveres religiosos (os cinco pilares) e
- relações interpessoais (ética e política) (GAARDER, 2000).

## Ambiente

De acordo com Piazza (1996), o islamismo surgiu em um ambiente cujo tempo era confuso e sem lei, pois a civilização da Arábia meridional declinara. Com isso a cultura passara para a Abssínia (atual Etiópia), que era cristã e invadia o sul do país atravessando o Mar Vermelho. Ao norte acontecia uma guerra prolongada causada pelo império cristão de Bizâncio (Constantinopla) contra o império persa e masdeístas dos Sassânidas. Na península árabe, reinava guerra e anarquia.

Embora o judaísmo, o masdeísmo (Zoroastro) e o cristianismo tivessem conquistado algum território, a maioria dos árabes praticava ainda um politeísmo naturista, oferecendo culto às pedras, estrelas, cavernas, árvores... Em Meca havia um santuário denominado Caába (construção cúbica) em que eram cultuados vários deuses da região, em que era venerado um meteorito chamado Pedra Preta, além de ídolos (cerca de 360), com imagens de seres humanos, anjos, animais (leões etc.). Entre esses ídolos, havia Hebal, Al Lat, Rahel, Al Uzza, mas o que mais se destacava era o Ser Supremo, Alá ou El, e de suas filhas (al-Lat, al-Ozz, al-Manat) (ABHEDANANDA, 1978).





Tem-se conhecimento que nesta época já havia alguns indivíduos conhecidos como *hanifs* que buscavam na solidão uma fé mais pura, aproximando de uma concepção monoteísta.

Maomé, o Fundador do Islamismo



A história das religiões registra que o islamismo foi fundado pelo profeta árabe Maomé, já os muçulmanos afirmam que o islamismo não começou com Maomé no século IV, mas com Deus, na medida em que o Alcorão concorda com Gênesis quando diz que “No princípio Deus...”. Na tradição judaico-cristã, Deus criou o mundo e depois os seres humanos. O primeiro ser humano criado por Deus foi Adão. A descendência de Adão chegou a Noé, que teve um filho chamado Sem (do qual provém o

termo semita). A descendência de Sem chegou a Abraão. Abraão teve dois filhos, Ismael e Isaque. Surge aqui então a primeira discordância entre relatos corânicos e bíblicos, pois segundo o Alcorão, Ismael foi para o local onde se ergueria Meca e seus descendentes, florescendo na Arábia, tornaram-se muçulmanos; já os descendentes de Isaque permaneceram na Palestina, eram hebreus e se tornaram judeus. Seguindo a linhagem de Ismael na Arábia, chega-se então a Maomé, na segunda metade do século IV d.C. (ABHEDANANDA, 1978; SMITH, 1991).

Considerando que Maomé tenha sido o profeta por intermédio do qual o islamismo alcançou sua forma definitiva, é necessário ressaltar algumas informações sobre ele. Maomé nasceu e cresceu em um meio a um ambiente caótico, pois as condições de vida no deserto nunca foram serenas. A religião era politeísta, o território era dominado pela violência de guerras e a anarquia enfatizava a virilidade.

Maomé (Muammad = altamente louvado) nasceu em a. 570 d.C. Embora tenha nascido numa influente tribo de Meca (Koreish), seu pai, Abdulla, morreu em Medina poucos dias antes de seu nascimento. Até seus cinco anos, Maomé foi criado por um tempo por Theuba, uma escrava de seu tio, e depois por Halima, da tribo de Beni Sad. Ele ficou com sua mãe, Amina, dos cinco aos seis anos, época em que ela morreu quando voltava de Medina com ele, para onde tinham ido visitar alguns parentes de sua mãe e onde ficaram durante um mês na casa em que seu pai falecera. Desde então passou a ser cuidado pelo avô, Abdul Mutalib, que faleceu quando ele tinha oito anos. Com isso foi adotado por um tio, Abu Talib. Porém, tudo indica que ninguém o ensinou a ler e a escrever. De acordo com a tradição, Maomé foi um jovem trabalhador e sensível ao sofrimento humano. Sua sensibilidade, honra, dever e fidelidade o levaram a receber títulos como O Verdadeiro, O Reto, O Fidedigno (ABHEDANANDA, 1978; SMITH, 1991).

Quando alcançou a maturidade, entrou no ramo das caravanas. Aos 21 anos, passou a trabalhar para uma viúva rica chamada Khadija e aos 25 anos se casou com ela, com quem teve vários filhos, dos quais somente sobreviveu Fátima, que se casou com Ali, órfão de seu tio Abu Talib, que Maomé adotou. Passaram-se 15 anos de seu casamento até o início de seu ministério.

Maomé se retirava para o Monte Arafat, nos arredores de Meca, para refletir sobre os mistérios do bem e do mal. Piazza (1996) diz que esse recolhimento durava um mês (*Ramadan*) e que depois desse tempo voltaria para casa e daria sete voltas à Caába. Num determinado dia, Maomé, que completara quarenta anos, estava dormindo na caverna no Monte Arafat e

Anjo Gabriel lhe trouxe uma ordem de Deus que lhe mostrou numa peça de brocado sobre o qual havia um escrito e disse:

*Recita em nome do teu Senhor que criou.  
Criou o homem de sangue coagulado.  
Recita. E teu Senhor é o mais generoso,  
Que ensinou com a pena,  
Ensinou ao homem o que não sabia... (96:1-5)*

A partir desse dia, Anjo Gabriel sempre aparece para Maomé ditando o Alcorão.

Piazza (1996) informa-nos sobre a discussão em torno da autenticidade dessas revelações. Diz que uns autores chegam a afirmar que Maomé era epilético, outros esclarecem que Maomé sofria psicologicamente de uma automática e incontrolada liberação de um depósito de impressões subscientes de preocupações religiosas. Consta que o próprio Maomé ficou perturbado com o ocorrido, pois não queria passar por mais um dos muitos visionários da época. Então, sua mulher consultou um árabe convertido ao cristianismo (Baraque), que lhe assegurou que Maomé realmente era o profeta escolhido por Deus para os árabes (ca. 612 d.C.). Então aos 44 anos Maomé se convence de que realmente era o Profeta de Deus e passa a pregar um monoteísmo que excluía da Caába todos os ídolos, entre eles, os atribuídos às filhas de Alá. Prega primeiramente aos mais próximos: sua esposa, seus dois filhos adotivos e seu amigo Abu Bekr. Nos primeiros quatro anos, foi quarenta o número de seguidores. Porém, outras pessoas julgaram que Maomé estava colocando em risco a religião de seus antepassados, conseqüentemente, o culto a Caába e a glória de Meca como centro de peregrinação de toda a Arábia. Assim, houve uma rebelião contra Maomé e seus ensinamentos, uma vez que pensavam que ele tentava usurpar a autoridade política da cidade.

Aos 50 anos, a esposa de Maomé falece. Um mês depois seu tio Abu Talib também falece. Aos 52 anos, através de uma visão, guiado pelo Anjo Gabriel, vai ao sétimo céu, onde se encontra com Deus, que o instrui que orasse cinco vezes ao dia e não somente três. Aos 53 anos, Maomé vai para Medina. Depois de sete meses em que lá estava, constrói a primeira mesquita. E como sexta foi dia em que Maomé fez o primeiro culto, este passou a ser o dia do culto público.

Em 630 d.C., Maomé e dez mil seguidores invadiram Caába e destroem todos os ídolos, estabelecendo, assim, a vitória triunfal em Meca.

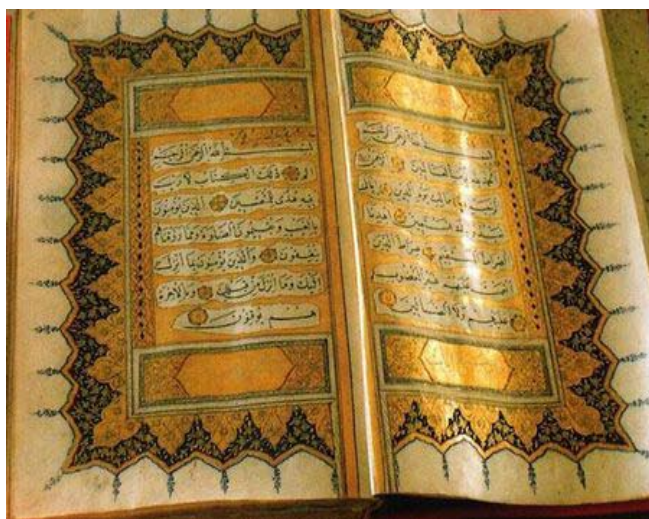


Aos 63 anos, Maomé falece em Medina (ABHEDANANDA, 1976, p. 138, tradução nossa).

Depois da morte de Maomé, o Alcorão começa a ser escrito, organizado em 114 suras.

### O Alcorão

O islamismo tem como fundamento escrito da fé muçulmana o Alcorão (ou *Corão*). O Alcorão (A Leitura) não foi escrito por Maomé, mas transmitido oralmente. Maomé pregava e seus seguidores retinham-lhe as palavras na memória e as inscreviam em pele de cabra, omoplatas de camelo, folhas de tamareiras, pedras, pergaminhos.



Após a morte de Maomé, seu sucessor *Abu Bakr* encarregou Zaid Ibn Thabet de reunir todos os fragmentos existentes até que Osman, terceiro sucessor, mandou organizar o livro definitivo com 114 suras num total de 6.236 versículos. A ordem tradicional da organização do Alcorão foi colocar as suras mais longas antes das mais curtas. Porém, alguns exegetas apresentam duas classificações na organização do Alcorão: uma cronológica e outra literária. Na classificação cronológica, as suras pesquisadas neste estudo aparecem na seguinte ordem: 4(As mulheres)...65(O divórcio)...59 (O reagrupamento)...60(A mulher testada); já na classificação literária, 60, 59...4...65. Vale destacar os seguintes pontos:

- Apresenta assuntos diversos em forma de dissertação filosófica ou teológica e passa-se de um para outro sem nenhuma transição sistematizada, voltando-se ao mesmo assunto em outros lugares. Contém narração de vários acontecimentos bíblicos como, por exemplo, a criação de Adão e Eva e sua expulsão do Paraíso, bem como a história de Abraão, José, Salomão, Jesus entre outras.
- Causa um comportamento pessoal e social em que destaca a importância da generosidade, caridade, hospitalidade, gratidão; exalta o culto à família e a bondade para com os pais; condena a avareza, mentira, hipocrisia, avidez, cobiça, deslealdade, orgulho, arrogância; permite que alguns erros ou delitos sejam redimidos com a prática da caridade.

- As construções das frases são poucas usuais e marcam a peculiaridade do estilo canônico: “E aqueles que vencem a própria avareza, são eles os vitoriosos” (59:9).

A maior parte é escrita na 1ª. pessoa do singular ou do plural. Quando usa “tu” se dirige a Maomé. Quando usa “vós” se dirige aos muçulmanos. Quando usa “deles” se dirige aos não-muçulmanos.

- O mundo do Alcorão é um mundo masculino, em que Deus fala aos homens e fala-lhes das mulheres.
- Algumas expressões e imagens refletem o meio (desertos e oásis) e a época (comércio primitivo e atividades pastoris) em que o Alcorão foi revelado.
- Gastar, no Alcorão, significa fazer liberalidades, gastar em benefício dos outros, não de si mesmo; crentes são os muçulmanos, descrentes, não-muçulmanos; submissão é a submissão a Deus, ou seja, a adoção do Islã como religião; Livro pode referir-se ao Alcorão, ao Velho Testamento ou ao Evangelho; associados de Deus são os ídolos dos idólatras da época; sinal é fenômeno, manifestação, prova; Geena é inferno; sura é capítulo.
- O Alcorão enfrenta problemas de tradução como, por exemplo, com a palavra juro ou usura (2:275-279).
- Embora o árabe não apresente letras maiúsculas, algumas palavras aparecem com letras maiúsculas quando empregadas num sentido incomum, entre elas, a Hora (o fim do homem ou do mundo, a ressurreição), o Enganador (o demônio).



Em nome do Alcorão, bebidas alcoólicas são proibidas em toda a Arábia Saudita; um ladrão é açoitado em praça pública no Paquistão; adúlteros e adúlteras são apedrejados; homossexuais e contrabandistas são executados; mulheres muçulmanas continuam ou voltam a cobrir o rosto com o véu; música e dança são proibidas; escolas mistas são fechadas.



Austregésilo de Athayde apresenta-nos duas opiniões divergentes a respeito do Alcorão. Uma é de Besworth Smith, que diz ser o Alcorão “um livro que é um poema, um código de Lei, um livro de oração, uma bíblia, que é reverenciado hoje por um sexto da raça humana como um milagre de pureza de estilo, de sabedoria e de verdade”. A outra opinião é de Salomon Reinach, que afirma que “do ponto de vista literário, o Alcorão é um pobre livro. Declamações, repetições, banalidades, falta de lógica e de seguimento nas idéias chocam, a cada passo, o leitor desprevenido” (O ALCORÃO, p. XV).

Os Cinco Pilares do Islamismo:  
credo, oração, caridade,  
jejum, peregrinação



### *O Credo*

O ato de fé o ponto-chave do islamismo. O credo é: “Não há outro Deus senão Alá, e Maomé é seu Profeta”. Esta é a primeira coisa que deve ser sussurrada no ouvido da criança recém-nascida e

a última no ouvido dos moribundos. Ele é repetido várias vezes todos os dias e proclamado do alto dos minaretes (torres das mesquitas) nos horários de oração (GAARDER, 2000).

### A Oração

As orações têm seus horários fixos, que acontecem cinco vezes por dia e são anunciadas através dos minaretes da seguinte forma:

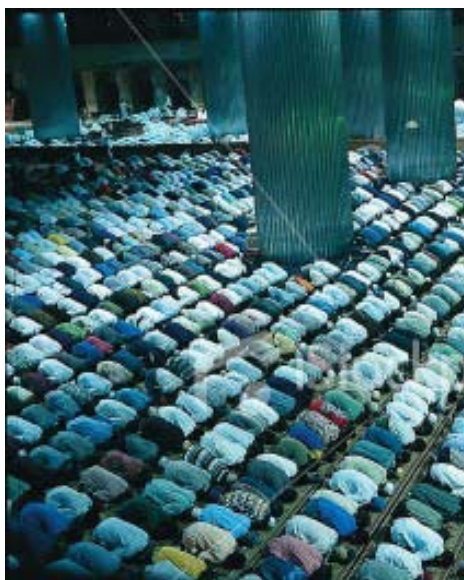
Alá é Grande,  
Não há outro Deus  
senão Alá  
e Maomé é seu Pro-  
feta.  
Vinde para a oração,  
vinde para a salvação,  
Alá é Grande,  
Não há outro  
Deus senão Alá.



Antes das orações, os muçulmanos devem se lavar, ora o corpo todo ora só as mãos e o rosto. As cinco orações podem ser feitas em qualquer lugar, desde que seus gestos sejam dirigidos a Meca. Pelo menos uma vez por semana o fiel deve ir à mesquita, especialmente na sexta-feira ao meio dia, quando há também um sermão.

*Ó vós que credes, quando fordes chamados para as preces de sexta-feira, apressai-vos para invocar Deus e deixai o comércio. É melhor para vós. Se soubésseis! (62:9)*

Em geral, somente os homens oram no salão principal da mesquita. As mulheres ficam em uma galeria separa ou atrás de uma cortina no fundo da mesquita. Qualquer homem muçulmano pode dirigir as preces, pois não há um sacerdócio organizado no Islã. Porém, comumente esse homem é funcionário da mesquita e tem boa orientação teológica (GAARDER, 2000).



### *A Caridade*

A caridade é um dever para ele. É uma taxa formal sobre a riqueza e a propriedade (2,5%), embora as pessoas sejam incentivadas a dar mais. Maomé pregava que essa taxa deve ser tirada dos ricos e dada aos pobres.

Quando recolhida e destinada a usos sociais, essa taxa se torna parte da política oficial de redistribuição de um Estado islâmico, diminuindo, assim, as desigualdades entre ricos e pobres, sem interferir no princípio da propriedade privada.

A esmola também é um dever para os muçulmanos, costume que influenciou o desenvolvimento do socialismo islâmico em alguns países (GAARDER, 2000).

### *O Jejum*

No nono mês do ano lunar acontece o mais extenso dos jejuns dos muçulmanos, que acontece entre o nascer e o pôr-do-sol, o *Ramadan*. Durante esse período, os muçulmanos não podem comer, beber ou ter relações sexuais.

Foi no mês do *Ramadan* que Maomé teve sua primeira revelação, assim, “o jejum simboliza o retiro que cada muçulmano deveria fazer, como fez Maomé” (GAARDER, 2000, p. 129).



### *Peregrinação a Meca*

Pelo menos uma vez na vida o muçulmano deve ir a Meca. Meca e Caába são para os muçulmanos o centro do mundo. As mesquitas em todo o mundo são construídas apontadas para Meca e também os mortos são enterrados voltados para lá.



Meca é visitada por cerca de 1,5 milhão de peregrinos todos os anos. Os peregrinos têm de caminhar em torno da Caába sete vezes. Eles vão também ao monte Arafat, onde ficam do meio dia ao pôr-do-sol sem nenhuma proteção na cabeça contra o calor intenso. E ainda oferecem como sinal de obediência à vontade de Deus o sacrifício de um animal (carneiro, bode, camelo, boi etc.), lembrando a obediência de Abraão.

Mediante esse levantamento histórico, sociocultural e religioso do islamismo pudemos conhecer um pouco mais o mundo muçulmano (*ethos*, sistemas simbólicos, ideologia, assujeitamento ideológico), bem como por que são considerados fundamentalistas. Agora fica aos leitores e às leitoras a liberdade de concordarem ou contestarem sobre o jeito tão peculiar de ser dos muçulmanos.

#### Referências

- ABHEDANANDA, S. Los grandes salvadores de mundo. Buenos Aires: Kier, 1978.
- ADRIANI, M. História das religiões. Tradução de João Gama. Rio de Janeiro: Edições 70, 1988.
- ATHAYDE, Austregésilo de. Alcorão, força religiosa e beleza literária. In: ALCORÃO. Tradução de Mansour Chalita. Rio de Janeiro: ACIGI, ano?
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 5.ed. São Paulo: Hucitec, 1990.
- BÍBLIA DE ESTUDO ALMEIDA. Barueri: SBB, 1999.
- BOFF, L. *Fundamentalismo*: a globalização e o futuro da humanidade. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- CHALITA, Mansour. O que você deve saber para aproveitar plenamente a leitura do Alcorão. In: ALCORÃO. Tradução de Mansour Chalita. Rio de Janeiro: ACIGI, ano?
- GAARDER, J. O livro das religiões. Tradução de Isa Mara Lando. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MARCHON, B.; KIEFFER, J.-F. As grandes religiões do mundo. São Paulo: Paulinas, 1995.
- O ALCORÃO. Tradução de Mansour Chalita. Rio de Janeiro: ACIGI, [1990].
- PIAZZA, W. O. Religiões da humanidade. São Paulo: Loyola, 1991.
- SMITH, H. As religiões do mundo... Tradução de Merle Scoss. São Paulo: Cultrix, 1991.

*Abstract: the historical background, cultural and religious identity of Islam from the perspective of different categories of subjects. We want to better un-*

*derstand Islam in the light of some concepts developed by scientists of religion.*

Key words: *context, Islam, religious studies*

KEILA MATOS

Doutoranda em Ciências da Religião na PUC Goiás. E-mail: kcmatos@yahoo.com.br